II ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

MARCELO CAMPOS GALUPPO

RICARDO MARCELO FONSECA

FAYGA SILVEIRA BEDÊ

Copyright © 2020 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais
Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI
Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de
Janeiro Prof. Dr. Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina
Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo
Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal
(suplente)
Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM – São Paulo
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará
Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM– Distrito Federal
Relações Internacionais para o Continente Americano
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goías
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba

Eventos:
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch (UFSM – Rio Grande do
Sul) Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho (Unifor –
Ceará)
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta (Fumec – Minas Gerais)

Comunicação:
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro (UNOESC – Santa Catarina
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho (UPF/Univali – Rio Grande do
Sul Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara (ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

---

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Fayga Silveira Bedê; Marcelo Campos Galuppo; Ricardo Marcelo Fonseca – Florianópolis: CONPEDI, 2020.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-222-4
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Direito, pandemia e transformação digital: novos tempos, novos desafios?

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Arte. 3. Literatura. II Encontro Virtual do CONPEDI (2: 2020 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34

CONPEDI

Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil

II ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

Foram selecionados e apresentados 14 textos da área de “Direito, Arte e Literatura”. Dentre estes, os trabalhos “A arte de ensinar Direito: reflexões acerca da introdução da experiência artística no ensino jurídico” (de Stephanie Lucke Dell' Aquila); “Buscando a(s) parte(s) que falta(m): educação, tecnologia e arte em tempos (pós) pandêmicos” (de Regina Vera Villas Boas e Luciana Gonçalves Dias); “Novas possibilidades para educação jurídica (arte: literatura, cinema, teatro, música e imagens no processo de ensinagem)”, (de Glauco Marcelo Marques) e “O ensino do ônus da prova no processo judicial à luz do filme ‘A Dama Dourada’ ” (de Poliana Starling de Miranda, Flávia Guimarães Campos Paulino da Costa e Adriano da Silva Ribeiro) têm, como denominador comum, a percepção da literatura e/ou da arte cinematográfica como esteio para novas práticas de ensino e aprendizagem do Direito.

Por sua feita, os trabalhos “A ocupação: o direito à moradia e sua narrativa na literatura de Julián Fuks” (de Astreia Soares e Janderson Silva); “A seleção de pacientes durante a pandemia e a significação da velhice: um horizonte a partir do conto ‘O Grande Passeio’ de Clarice Lispector” (de Maíla Mello Campolina Pontes); “Gilead x Brasil: análise sob uma perspectiva feminista sobre direitos reprodutivos em A História da Aia” (de Carolina Alexandre Calixto) e “A presença da fraternidade na (re)organização da convivência humana: uma abordagem literária e realista” (de Samantha Sabrine dos Santos e Ildete Regina Vale da Silva) percorrem a senda do Direito na Literatura, promovendo uma articulação entre problemas éticos e jurídicos com obras-primas de incontornável valor literário.

Já os trabalhos “O trem de volta pra casa: a Teoria do Direito e a Psicanálise como veículo de compreensão e questionamento da ditadura em ‘Snowpiercer’” (de Stephanie Lucke Dell' Aquila); “Posicionamentos de Agamben e Jakobs em Milagres na Cela 7” (de Fernando Henrique da Silva Horita) e “Resistência popular e Direito Insurgente: uma aproximação a partir de ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ de Glauber Rocha” (de Isabelle Beguetto Honorio) elegem o cinema como espaço privilegiado de reflexão interdisciplinar, por meio de obras que nos interpelam acerca de relevantes questões de ordem ética, psicanalítica e jurídica.

Finalmente, há três trabalhos com abordagens mais particulares. Em “O Direito contado de François Ost” (de Eduardo Aleixo Monteiro), o autor busca subsidiar a metodologia da pesquisa em Direito e Literatura, ao identificar e sistematizar o método de análise jurídica de obra literária de François Ost. Por outro lado, em “Metáforas conceptuais como ferramentas

de argumentação e persuasão no discurso jurídico" (de Lidiane Melo de Souza e Monica Fontenelle Carneiro), as autoras se propõem a analisar o discurso persuasivo, com foco no papel da metáfora como mediadora entre a cognição e a emoção. Por fim, em "Metáforas sobre a maternida de: o dito (e não dito) sobre as mães em decisões de 2º grau sobre a destituição do poder familiar materno" (de Ana Lourena Moniz Costa e Monica Fontenelle Carneiro), as autoras se valem de análise do discurso, a fim de identificar quais metáforas sobre a maternidade são encontradas em decisões judiciais de grau recursal, buscando compreender "o que revelam sobre questões ligadas à maternidade e ao seu exercício".

Ao tempo em que agradecemos a todos os autores e avaliadores envolvidos, esperamos que seus esforços sejam recompensados por meio da circulação, do debate e da crítica das ideias aqui enfrentadas, alargando-se os horizontes de estudo em nossas áreas de conhecimento.

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca (UFPR/PR)

Prof. Dr. Marcelo Galuppo (PUC/MG)

Profa. Dra. Fayga Bedê (UNICHRISTUS/CE)

Nota técnica: Os artigos do Grupo de Trabalho Direito, Arte e Literatura apresentados no II Encontro Virtual do CONPEDI e que não constam nestes Anais, foram selecionados para publicação na Plataforma Index Law Journals (https://www.indexlaw.org/), conforme previsto no item 7.1 do edital do Evento, e podem ser encontrados na Revista de Direito, Arte e Literatura. Equipe Editorial Index Law Journal - publicacao@conpedi.org.br.

O TREM DE VOLTA PRA CASA: A TEORIA DO DIREITO E A PSICANÁLISE COMO VEÍCULO DE COMPREENSÃO E QUESTIONAMENTO DA DITADURA EM "SNOWPIERCER"

THE BACK HOME TRAIN: THE THEORY OF LAW AND PSYCHOANALYSIS AS A VEHICLE FOR UNDERSTANDING AND QUESTIONING DICTATORSHIP IN "SNOWPIERCER"

Stephanie Lucke Dell' Aquila [1]

Resumo

O artigo analisa o filme "Expresso do Amanhã" em relação a ditadura totalitária instaurada e seus aspectos. Através da avaliação crítica do filme em comunicação com a pesquisa bibliográfica, é possível apreender profundamente o sentido da ditadura e suas consequências para a sociedade. O filme mostra, de maneira simplificada, elementos de formação e de manutenção de uma ditadura totalitária, principalmente a questão da violência simbólica e do culto à personalidade do líder. O diálogo interdisciplinar da obra com teoria pragmática do direito e da psicanálise permite ampliar a compreensão da complexidade do fenômeno ditatorial.

Palavras-chave: Poder, Autoridade, Ditadura, Interdisciplinaridade, Psicanálise

Abstract/Resumen/Résumé

The article analyzes the movie "Expresso do Amanhã" in relation to the established totalitarian dictatorship and its aspects. Through the critical evaluation of the film in communication with the bibliographic research, it is possible to deeply understand the meaning of the dictatorship and its consequences for society. The film shows, in a simplified way, elements of formation and maintenance of a totalitarian dictatorship, mainly the question of symbolic violence and the cult of the leader's personality. The interdisciplinary dialogue with pragmatic theory of law and psychoanalysis allows to broaden the understanding of the complexity of the dictatorial phenomenon.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Power, Authority, Dictatorship, Interdisciplinarity, Psychoanalysis

[1] Advogada e mestranda em Teoria Geral e Filosofia do Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

1 Introdução

Qual é a dinâmica psicológica entre a massa e o líder na ditadura? Afere-se que a ditadura é um regime de exceção instaurado em determinados cenários sociais, como o de medo de dominação pelo inimigo ou de uma necessidade de "educar" os indivíduos antes de adentrar na democracia. As principais características são o acúmulo de poder pela autoridade e a repressão àqueles dissonantes com a política exercida, geralmente marcada pelo abuso dos direitos fundamentais e pela violência.

Em uma rápida regressão histórica, verifica-se que é muito mais complexo do que um conflito entre forças do "bem" e do "mal". Na maioria dos casos, o ditador ascende com a aprovação da população e até mesmo com o seu amor. Os líderes sanguinários podem gostar de arte e expressar carinho pelo seu cachorro, como era o caso de Hitler, acusando certa sensibilidade que seria indisponível a tais "demônios". Muitas vezes, o perigo alegado como motivação para a ditadura é só um pretexto para assumir o poder numa eterna disputa por este, como o golpe militar no Brasil justificado pela "ameaça comunista".

Buscar uma verdade sobre a ditadura é investigar o indivíduo que a compõe, o ser do inconsciente, impulsionado pelo desejo e reprimido pela realidade em contato com o Outro. O indivíduo que se acredita guiado pelo racional e é, então, traído pelo seu desejo. Esse ser que repudia a ditadura e inconscientemente deseja por ela. A única forma de atingir a justificativa última do regime ditatorial é partir do fato de que talvez a ditadura não possa ser racionalmente justificada por ser a expressão social de um sujeito desejante, que busca antes a satisfação de seu prazer do que a explicação para este.

O filme Expresso do Amanhã, dirigido pelo aclamado diretor coreano Bong Joon-ho, ilustra perfeitamente o controle da prática social através da manipulação do discurso e do exercício da coação; violência simbólica e física. O longa evidencia a persuasão exercida por líderes com o objetivo de direcionar a ação dos indivíduos e garantir o seu apoio, reprimindo aqueles que não agem em conformidade. Tal controle da prática social é realizado por meio de complexos argumentativos, reforçada pela posição do líder, que conquistam a adesão do interlocutor e o influenciam a agir da maneira pretendida.

A película distópica ambienta-se no trem "Snowpiercer", no qual os últimos sobreviventes da terra vivem após congelamento do planeta. O trem simula pequena sociedade

marcada pela desigualdade, na qual alguns dos habitantes vivem em condições extremamente precárias e sob enorme coação física nos últimos vagões do trem enquanto grupo de indivíduos privilegiados desfruta de experiência repleta de regalias nos vagões da frente. O trem é controlado por seu dono e maquinista Wilford, personagem que, mesmo vivendo isolado em seu vagão, é extremamente respeitado e amado pela maioria dos habitantes graças a construção de uma cultura de veneração a sua imagem. Aqueles que não estão sob influência do discurso do líder, são severamente controlados pelos guardas do trem.

O objetivo principal do trabalho é traçar um panorama realista dos aspectos da ditadura, observando seus principais elementos. Como metáfora da sociedade, o trem "Snowpiercer" é um bom objeto de estudo das relações sociais, já que as retrata de maneira simplificada e caricata. Inicialmente, serão discutidos conceitos fundamentais para a pesquisa, como a definição de ditadura e suas formas. Em seguida, serão demonstradas as características da organização do poder no trem que justificariam a classificação como regime ditatorial.

O terceiro objetivo, é o estudo das relações de poder estruturais da ditadura; a atenção se voltará para o estudo do poder propriamente dito. Será evidenciada a manipulação do discurso, assim como o controle da seletividade das ações dos indivíduos por parte dos líderes. Em último lugar, a pesquisa se voltará para o aspecto psicológico propriamente dito, estudando a formação da massa e seu relacionamento com o líder, assim como todos os fenômenos que compõem o cenário. Os principais conceitos serão emprestados da psicologia de massas de Freud.

As principais justificativas para o estudo do tema são obter uma visão mais ampla do fenômeno ditatorial, o que será possibilitado pelo estudo interdisciplinar do Direito, da psicanálise e do cinema; compreender os elementos de construção e de manutenção de uma ditadura totalitária, para conseguir identificá-la na realidade e estabelecer com clareza suas características, a fim de perceber a experiência ditatorial mesmo que esta esteja "mascarada".

O desenvolvimento dos pontos possibilitará o entendimento das questões de poder e psicológicas que atravessam a experiência da ditadura. Alguns aspectos justificados pelo senso comum serão questionados para que seja possível sair do discurso teórico e adentrar no campo da prática, do real, da operação da ditadura no psiquismo do ser. Dessa forma, delineando como se forma o regime e o que de fato o motiva, será possível repensar práticas e comportamentos

a fim de evitar tais regimes que causam enorme sofrimento ao ser e eliminam sua subjetividade, tornando-o apenas mais uma engrenagem da locomotiva social.

Quando algumas ditaduras chegam ao fim, tornam-se visíveis os abusos cometidos e há a necessidade de entender qual foi o processo psíquico coletivo que possibilitou tal situação para que este não se repita. Racionalmente, qualquer indivíduo pode explicar por que a ditadura é ruim. Inclusive, em muitos casos, busca-se apontar alguns "culpados", como altos cargos na Alemanha nazista no julgamento de Nuremberg e humilhá-los, questionando como foram capazes performar tamanhas atrocidades.

A metodologia de pesquisa consiste no estudo de fenômenos sociais, jurídicos e psicanalíticos através da ótica do cinema. Das formas de arte, o cinema é a mais efetiva na transmissão de sentidos e na capacidade de criação de efeito sinestésico. Segundo Mara de Oliveira, a visão dogmática tradicional exclui a análise crítica, apenas a utiliza como estratégia de persuasão para viabilizar a decidibilidade de conflitos. O cinema devolve a análise crítica. Os conceitos-imagem do cinema criam impacto emocional sobre questões humanas, com valor cognitivo, persuasivo, unindo lógica e pática (dimensão afetiva), proporcionando vivência de conceitos fundamentais, também conceitos do Direito e sua apreensão em suas diversas dimensões.

Exclui-se visão maniqueísta de mundo e introduz-se sua complexidade, nos emprestando outro local de apreensão do real. A experiência é ainda mais intensa devido a mobilização de vários sentidos, diferente de algumas outras artes, o que torna sua experiência ainda mais impactante. Perceber os conceitos do Direito através do olhar artístico é expandir seu campo de visão, aprender a olhar a complexidade de seus conflitos e ser capaz de criticá-los, transformá-los.

Em relação ao cinema e a psicanálise, ambos modos de uso e construção da linguagem, percebe-se estrutura semelhante, já que a linguagem fílmica é o que está mais próximo da semiologia requerida pela clínica psicanalítica. Sendo o cinema a arte do real e a psicanálise o tratamento do real pelo simbólico, ambos partilham de decomposição regrada dos processos de produção da significação (DUNKER; RODRIGUES, 2015, p. 13).

Existem três grandes analogias realizadas entre cinema e psicanálise ao longo da história e todas elas justificariam intersecção das duas matérias na análise crítica de determinado tema. A primeira considera a experiência do cinema como a de um sonho; a "situação cinema" provocaria perturbação da realidade, gerando contexto de passividade, acriticidade e anonimato. A segunda analogia, tentada por Jean Baudry, afirma que a

experiência fílmica reproduz o aparelho psíquico na fase do espelho, sendo uma espécie de experimento para produzir um "eu" dotado de unidade, capacidade de antecipação e reconhecimento (DUNKER; RODRIGUES, 2015, p. 14).

A última analogia refere-se à aplicação do método estrutural aos elementos desta relação. Um filme pode ser lido com um sistema de significantes nos quais se reencontram suas articulações elementares de tipo metafórico e metonímico. Ao verificar essas três analogias, verifica-se que a psicanálise em conjunto com o cinema é mais uma estratégia para o estudo crítico e profundo dos mais variados temas. No caso específico, será essencial para enxergar a ditadura além de suas teorias racionais.

Elencada a questão fundamental do artigo, assim como seus objetivos, suas justificativas e sua metodologia, é possível iniciar a discussão do artigo propriamente dito.

2 A ditadura em "Snowpiercer"

O primeiro passo para adentrar na questão da ditadura é estabelecer seu conceito e as suas divisões. De acordo com Mario Stoppino, as principais características das ditaduras modernas são: "A concentração e o caráter ilimitado do poder; as condições político ambientais, constituídas pela entrada de largos estratos da população na política e pelo princípio da soberania popular; a precariedade das regras de sucessão ao poder".

O autor também demarca três destinos essenciais da ditadura como aquelas que "visam a abater ou minar, de forma radical, a velha ordem político- social e introduzir uma ordem nova ou renovada" (ditadura revolucionária), outras que "têm como finalidade defender o status quo dos perigos de mudança" (ditadura conservadora) e, por fim, as que "dirigem seus objetivos para dar vida a valores e formações sociais do passado, que se encontram em via de extinção" (ditadura reacionária).

Compreender o fenômeno da ditadura tem sido um desafio para os pesquisadores das ciências humanas, já que entendê-la envolve estabelecer fatos complexos como a forma que a sociedade se comporta frente à sua instauração e permanência, seu comportamento, sua opinião, as relações que estabelece com o Estado, entre outros. Ao se tratar de casos totalitários, Neumann e Friedrich (CASTRO, 2018, p. 11) buscam justificar a ditadura; o primeiro estabelece relação direta com o medo e o segundo, com a passividade das massas.

O trem retratado na obra fílmica é uma pequena sociedade sob atuação de um regime ditatorial. O enredo distópico do filme inicia-se com o fracasso da tentativa de esfriamento artificial do planeta terra por pesquisadores buscando conter o aquecimento global. Um magnata das indústrias, Wilford, prevê que a tentativa congelará a terra, impossibilitando a vida humana e passa a construir trem colossal, autossuficiente, que garantirá a vida pós-congelamento de alguns poucos felizardos, afortunados o suficiente para arcar com uma passagem. É uma arca de Noé contemporânea.

O trem é dividido em classes. A primeira classe ocupa os leitos da frente, local extremamente luxuoso, com uma vasta lista de atividades: clube, salão de beleza, sauna, piscina, discoteca, entre outros. A segunda parte do trem é composta por vagões que garantem o abastecimento da primeira classe, como plantações e criações de animais, que fornecem serviços, como alfaiate e restaurante, além de comportar instituições do aparelho estatal, como escola e o cárcere. Nessa parte do trem, também moram aqueles mais pobres, que embarcaram no trem com o objetivo único de servir aos ricos. Na "cauda" do trem, habitam os "fundistas", indivíduos que embarcaram clandestinamente no trem e que vivem sob situação de extrema miséria e alta repressão.

A organização do trem é baseada em conjunto de regras estabelecidas pelo dono do trem, Wilford, que as justifica como única forma de manter o equilíbrio fundamental do trem. As regras são cumpridas pelos indivíduos em decorrência de extremo respeito e adoração a Wilford, assim como a situação de vulnerabilidade na qual todos se encontram por serem os últimos sobreviventes da terra e dependerem inteiramente do trem para viver.

O medo da morte reforçado pela violência da polícia cria cenário que quase impossibilita qualquer manifestação de descontentamento com a política do trem. Todavia, devido às condições sub-humanas nas quais os "fundistas vivem", eles decidem se rebelar e tomar o trem. O filme retrata as condições do trem antes da revolta e o seu desenrolar, desde a luta com os guardas na "cauda", passando pelos vários vagões do trem, até o confronto de Curtis, líder dos fundistas, com Wilford no primeiro vagão.

Pensando nos três objetivos que podem estabelecer uma ditadura, é possível afirmar que no "Snowpiercer" prevalece uma ditadura conservadora, que "têm como finalidade defender o status quo dos perigos de mudança". A principal atividade do trem, manter a vida e os privilégios dos ricos, já denuncia o caráter de manutenção da ordem social vigente no trem.

As regras organizacionais propiciam o privilégio dos ricos e a exploração dos pobres, reproduzindo dinâmica de desigualdade social idêntica a situação das classes antes de embarcar no trem.

Na verdade, seria até possível falar em "ditadura reacionária", tendo em vista que a possibilidade de ascensão social no trem é ainda mais limitada do que numa sociedade capitalista tradicional, remontando a momentos anteriores a ascensão da burguesia. O lugar ocupado na sociedade do trem está associado ao tipo de "bilhete" que a pessoa tinha ou a falta deste, no caso dos fundistas.

A passagem faria o mesmo papel de um direito de nascença, comum em monarquias absolutas, por exemplo, nas quais o nobre, portador de "título", ocupava lugar de privilégio. Wilford poderia ser comparado ao rei absolutista; em cena do filme, a ministra Mason discorre sobre a superioridade do líder, como espécie de salvador divino ao se referir a sua criação como "sagrada".

Franz Neumann, ao tratar da ditadura, se refere a ela como o Governo de uma pessoa ou de um grupo de pessoas que se arrogam o poder e o monopolizam, exercendo-o sem restrições. O conceito ainda poderia se dividir em três "subtipos", de acordo com as disposições características: "ditadura simples", "ditadura cesarista" e "ditadura totalitária" (NEUMANN, 1969, p. 8).

A primeira refere-se ao exercício do poder pela simples coação monopolizada e a segunda, a coação monopolizada acompanhada de apoio popular pautado na figura do líder. Já na terceira, além da coação monopolizada e do apoio popular, há também o controle de instrumentos clássicos de domínio.

No trem, o cenário é característico de uma ditadura totalitária. As principais características de tal regime são o princípio da liderança, a "sincronização" de todas organizações sociais, criação de elites graduadas, atomização e isolamento do indivíduo, transformação da cultura em propaganda, assim como a confiança no terror.

O princípio da liderança está presente na organização do trem ao redor da figura de Wilford. Ele é o grande líder, o salvador da humanidade, no qual toda a fé deve ser depositada. Em alguns momentos do filme é até possível perceber uma mistura pelos personagens do líder com o trem, como se fossem uma coisa só. Wilford se confunde com o trem assim como o líder

totalitário confunde-se com o Estado. As regras são criadas pelo maquinista e devem ser seguidas em seu nome.

A sincronização das organizações sociais é evidente na obra. Em uma cena, na qual os fundistas revoltosos buscam chegar no primeiro vagão com a ajuda da ministra Mason feita como refém, o grupo passa pelo vagão escola. As crianças estão aprendendo sobre a importância de Wilford e a ministra demonstra imenso orgulho, até mesmo cantando a música de adoração ao líder com as crianças, assumindo por alguns instantes o papel da professora presente. A relação pode ser confirmada no momento em que a professora pega arma e passa a atirar nos revoltosos, colocando-se no lugar de defesa pertencente a ministra. A momentânea troca de papéis mostra que, embora existam funções, o objetivo final de todos é defender o trem.

O controle das classes do trem é feito de dentro pra fora, com a criação de elites graduadas, facilitando o controle e disfarçando a dominação total do líder. Ao longo do filme, figuras de autoridade de diversos níveis são apresentadas. A mais evidente é a ministra Mason, personagem que de fato governa o trem e que é sequestrada pelos rebeldes no começo da revolução. O trajeto dos fundistas e da ministra pelos vagões do trem demonstra que ela coordena todas as atividades, já que a líder explica todo o mecanismo do trem ao longo do caminho, além de conhecer os integrantes de todos os vagões e empregar-lhes ordens.

As unidades sociais, como família ou religião, são completamente enfraquecidas, isolando os indivíduos. Em “Snowpiercer”, a divisão em unidades sociais é abandonada para criação de massa única de habitantes do trem. Os poucos laços familiares existentes são desfeitos sem nenhuma preocupação, como quando duas crianças fundistas são separadas de sua mãe e de seu pai para substituir peças quebradas do trem. As crianças pequenas colocadas no motor no lugar de peças são literalmente parte do trem, mostrando que todos os indivíduos são antes papéis específicos na estrutura da máquina do que donos de sua individualidade.

A cultura é transformada em propaganda e seus valores em artigos de comércio. A cultura de culto à personalidade de Wilford e de sacralidade do trem é transmitida e reforçada aos habitantes através de propaganda, arte, música, entre outros. No vagão escola, o ensino da história do trem é feito através de vídeo propaganda de Wilford, associando os acontecimentos significativos do trem com as conquistas do maquinista. Após o vídeo, as crianças cantam

música de culto à personalidade de Wilford e mostram que desde pequenas já são ensinadas a amá-lo.

A manutenção da ditadura, além da dependência do trem para sobreviver e do amor ao líder, tem como fator decisivo a confiança no terror, com o uso de extrema violência. Embora os fundistas vivam em condições de extrema miséria, há grande medo de se rebelar. As agressões físicas e verbais dos guardas são tão intensas que, muitas vezes, os habitantes da cauda ficam inertes frente a sua condição.

Um dos castigos corporais que denunciam a violência extrema é o congelamento e amputação do braço de personagem que joga sapato na cabeça de funcionária ao ter seu filho tirado de si. Outra cena que acusa tal violência é combate entre guardas e fundistas no qual apagam-se as luzes e os guardas, retratados como carrascos, munidos de máscaras para enxergar no escuro e machados, investem contra os fundistas e causam verdadeiro massacre.

3 Estado espetáculo e a dominação social

Outro fator fundamental para a manutenção da ditadura é a organização da sociedade enquanto sociedade do espetáculo; "sociedade de mídia e consumo, organizada em função da produção e do consumo de imagens, mercadorias e eventos culturais". A experiência e a vida cotidiana são moldadas e medidas pelos espetáculos da cultura da mídia e pela sociedade do consumo (KELLNER, 2004, p. 4).

Os integrantes da primeira classe, para qual o trem foi construído, gozam de uma vida esplêndida, baseada em vastas experiências de entretenimento e bens de consumo luxuosos. Durante a jornada pelo trem, os personagens percebem que boa parte dos vagões da frente são destinados ao entretenimento. Vagões com sauna, piscina, salão de beleza, restaurante, bares e discotecas são alguns exemplos do lazer oferecido.

Os integrantes da primeira classe são retratados como personagens secundários; figurantes que aparecem desfrutando das experiências e consumindo bens, mas que, em nenhum momento, participam da cena. Os passageiros dos vagões da frente parecem estar "dopados", desfrutando das experiências por inércia, completamente alienados da realidade.

A alienação fica ainda mais gritante em um dos primeiros vagões, qual simula o camarote de uma discoteca, onde os indivíduos estão quase que desmaiados em mesas cheias

de álcool e de drogas. Fica clara a impotência dos personagens quando Minsu e sua filha recolhem o kronol, droga do trem, das mesas assim como casacos de peles e não encontram resistência. Os ricos parecem um exército de zumbis.

O espetáculo, mecanismo cultural de lazer e consumo, pacifica e despolitiza o indivíduo, choca o sujeito e o distancia de suas obrigações mais urgentes. As experiências e os bens mantêm os privilegiados distraídos e satisfeitos, impedindo que lancem um olhar sobre a realidade (KELLNER, 2004, p. 7). Esses indivíduos têm consciência da existência de passageiros extremamente miseráveis no fundo; já houve revoltas anteriormente, além de conviverem com pessoas extremamente exploradas, que estão no trem unicamente para servi-los e não fazem nada para alterar a situação.

Em relação a segunda classe, composta por garçons, cabeleireiras, guardas, entre outros, também estão submetidos ao espetáculo, embora de outra forma. Não desfrutam da vida daqueles dos primeiros vagões, mas também estão sujeitos ao controle e a manipulação através de entretenimento e de consumo. O exemplo mais claro é o vídeo das conquistas de Wilford exibido no vagão escola que gera grande excitação nos alunos. Outro exemplo é a roupa de alguns funcionários, como o casaco amarelo da ajudante de Wilford que contrasta imensamente com os tons de cinza das roupas dos fundistas no momento no qual ela vai até o local escolher as crianças que substituirão as peças do trem.

Outra forma de espetáculo é a própria violência exercida pelo “Estado”, mostrando que, ao tornar seus mecanismos de organização e repressão públicos e dramáticos, ele próprio se torna um Estado Espetáculo. O castigo de congelamento e amputação do braço do pai “fundista” que tentou impedir seu filho de ser levado foi performado na frente de todos os habitantes do fundo e de um vasto grupo de guardas e funcionários do “Estado”. Essa situação remete às arenas de gladiadores em Roma, nas quais os prisioneiros lutavam entre si e com animais para a diversão da massa.

A alienação dos habitantes do trem, afastando-os de questões da vida real e retirando sua potência, possibilita a formação de uma massa, conjunto de indivíduos com características em comum e submetidos a certas circunstâncias, possibilitando cenário de total dominação e manutenção da ditadura.

4 Sociedade Plateia e a violência simbólica

Sendo a plateia aquela que assiste ao espetáculo, os habitantes do trem formam uma "Sociedade Plateia". A maior característica da plateia é sua falta de atuação no espetáculo, embora faça parte dele (KELLNER, 2004, p. 8). Os indivíduos observam inertes aos espetáculos da vida social, adquirindo certa passividade e submissão em relação a autoridade. Além da distração (instrumentos culturais, midiáticos e de consumo), outra figura é fundamental para manter os indivíduos na passividade da plateia: a violência simbólica.

De acordo com Max Weber, dominação no sentido do poder é a possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria (WEBER, 2000, p. 36). Algumas formas de dominação não são perceptíveis à primeira vista, como a presente nos complexos linguísticos, por exemplo. O discurso é formado pelo seu conteúdo, mas também pela forma através da qual a mensagem é disseminada. Muitas vezes, acredita-se que certo discurso é superior devido a maior plausibilidade lógica de seus argumentos, quando, na verdade, o convencimento não ocorreu em nível racional e consciente, mas em nível sentimental e inconsciente.

É o que ocorre na democracia, por exemplo. O indivíduo acredita estar agindo conscientemente, de acordo com suas escolhas racionais, quando está sendo persuadido a agir de certa maneira. Os discursos de autoridades não são mensagens neutras, mas complexos persuasivos que buscam a adesão do receptor. Através do jeito, do tom de voz, dos gestos, dos meios e das atitudes do líder, persuasão realizada a nível inconsciente, é possível controlar a seletividade das ações dos indivíduos com estes acreditando que estão no controle de suas ações (FERRAZ JR., 2003, p. 81).

Essa influência na ação do indivíduo através do discurso é a violência simbólica (OLIVEIRA, 2015, p. 129), forma através da qual é possível manter certa "paz social", já que o Estado consegue, de certa forma, direcionar as ações dos indivíduos e punir as atitudes que desviam do objetivo. Essa violência pode ser amplamente verificada no contexto das "fake news", no qual os indivíduos defendem a veracidade de conteúdos falsos por estes compactuam com o seu desejo ou serem provenientes de certo indivíduo.

O impacto emocional do discurso de Wilford sobre a necessidade de cada um ocupar seu lugar específico no trem garante a adesão dos habitantes ao seu discurso. O medo proveniente da dependência do trem e de Wilford para a existência reforça o impacto emocional. Os indivíduos estabelecem laços sentimentais com o líder e adotam postura de devoção em relação a ele, defendendo seu discurso, seja lá qual for. Outra figura de liderança

que exerce enorme influência sobre as pessoas é Gilliam, ancião dos fundistas, que prepara Curtis para liderar a rebelião.

Alguns exemplos de cumprimento estrito de ordens devido a submissão a Wilford são o grupo de ricos, que vivem alienados em mundo de luxo e riquezas na primeira classe, fingindo desconhecer a miséria a qual o resto do trem está submetida para garantir o padrão de vida que levam. Outro exemplo são os funcionários da polícia, que performam atos de extrema violência e crueldade no controle dos fundistas, e justificam suas atitudes na necessidade do trem, fechando os olhos para todo mal que estão causando.

Esses fatos comprovam que a ditadura em "Snowpiercer" é fundada com e mantida pelo apoio da população. Tirando os fundistas, os outros habitantes do trem apoiam Wilford cegamente, ignorando o fato de serem completamente dominados e explorados por ele. É como a ascensão de Hitler na Alemanha; basta ver um de seus discursos para perceber o impacto emocional que sua fala gera nos ouvintes. Além disso, se valeu de traços de identificação do povo para que este criasse afeto cada vez maior com seus semelhantes e ódio cada vez mais intenso em relação aos diferentes.

Porém, o maior exercício da violência simbólica é sobre os fundistas, paradoxalmente. Num primeiro momento, parece que o grupo não está sujeito à violência simbólica, por conseguir identificá-la e decidir se rebelar justamente para acabar com a dominação social decorrente dela, mas somente à violência física.

A vida de miséria e os abusos sofridos pelos habitantes da cauda tornam explícita a dominação social exercida por Wilford através de seu discurso e controle que ele exerce sobre os indivíduos. O maquinista não é amado e admirado pelos fundistas, na verdade, é bastante odiado. Com o fim da influência da violência simbólica, o controle passa a ser exercido pela violência física.

No trem, isto é perceptível pela constante presença dos guardas no fundo e a violência em sua atuação. O desenrolar da trama mostrará que o fundo é o maior manipulado pelo discurso do líder: a rebelião não havia surgido verdadeiramente da vontade dos fundistas de sair da miséria, mas da necessidade de Wilford de diminuir a população do trem.

Ao chegar no primeiro vagão e confrontar Wilford, Curtis descobre que o magnata armou plano em conjunto com Gilliam para incitar rebelião e garantir controle populacional do trem. Durante a conquista dos vagões, vários integrantes do grupo haviam morrido e no momento que conversavam, o maquinista manda matar as pessoas que haviam sobrado no fim do trem, ou seja, Curtis teve sua ação direcionada para o cumprimento do objetivo final do

líder: exterminar os pobres. Além disso, o maquinista também quer que Curtis assuma o seu papel de líder do trem.

Ambas lideranças, Wilfred e Gilliam, acreditavam que o extermínio da população de tempos em tempos era necessário para a manutenção do contingente populacional, inclusive, no fim, o magnata afirma que outras revoluções existentes, quais inspiraram Curtis, tiveram o mesmo propósito.

A manipulação do discurso, centrada na figura de Curtis, inicia-se com ele bem mais jovem, quando se aproxima de Gilliam que passa a treiná-lo para liderar futura revolução. Gilliam vai conduzindo Curtis e os habitantes dos últimos vagões para revolta, evidenciando as injustiças as quais estavam submetidos e incitando-os a se rebelar. No momento em que a ideia já está bem enraizada, Wilford envia mensagens em cápsulas dentro de barras de insetos das quais os fundistas se alimentavam, dando dicas de como estruturar a rebelião, como se algum rebelde estivesse infiltrado na frente e os estivesse ajudando.

Ao descobrir a verdade sobre a rebelião, Curtis depara-se com a questão mais dura: a estrutura de dominação está tão bem instaurada no trem, que é impossível lutar contra ela. A grande parte dos fundistas havia morrido, portanto, não existia número para enfrentar Wilford e seus guardas. Além disso, o próprio movimento havia perdido seu objetivo, já que boa parte dos revoltosos foram exterminados.

Ao verificar que até mesmo a resistência ao líder era manipulada por este, resta claro que a dominação se baseia em sua imagem. Portanto, é essencial também verificar o processo psíquico de formação da massa ao redor do líder para compreender melhor como o regime ditatorial convoca cada um de seus submetidos.

5 Astro político e a formação da massa

Em seu livro psicologia de massas e análise do eu, Freud se debruça sobre alguns conceitos de Gustav Le Bon para criar hipótese a respeito da massa psicológica. Nas palavras de Le Bon “A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células”. A superestrutura psíquica é removida, enfraquecida, e o fundamento inconsciente, semelhante em todos eles, se torna visível.

O indivíduo parte da massa possui como principais características: “evanescimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas”.

Para o entendimento da massa para Freud em comunicação com Le Bon, é importante perceber a ligação que os indivíduos dentro de uma massa estabelecem; quanto mais forte o laço entre os membros, mais intensa será a expressão das características da massa, como a passividade e a sugestionabilidade.

A identificação, para a psicanálise, é a manifestação mais precoce de ligação emocional com o outro. Esta se transforma, por via regressiva, em substituta de uma ligação objetal libidinosa e pode ocorrer sempre que se percebe qualquer característica em comum com pessoa que não é objeto de desejo. Quanto mais significativa for essa característica afetiva, mais bem-sucedida será a identificação parcial e assim, corresponder ao começo de ligação afetiva entre os membros (FREUD, 2011, p. 69). Na massa, a hipótese é que essa característica seja a ligação com o líder.

Além disso, Freud traz a possibilidade da gradação do eu, formando uma parte separada chamada “ideal do eu” com função da auto-observação, da consciência moral da censura onírica e a principal influência no recalcamento. Quando o ser humano não está satisfeito consigo mesmo, poderia encontrar sua satisfação no ideal de eu. Em situações de enamoramento, o objeto serve para substituir um ideal de eu; ama-se o objeto devido as perfeições que se aspirou para o próprio eu e que agora poderia alcançá-las a fim de satisfazer o próprio narcisismo (FREUD, 2011, p. 48).

O ideal de eu do indivíduo se torna o ideal da massa, personalizado na figura do líder, criando uma “massa a dois” baseada em ligação erótica com o líder. Este precisa apenas possuir as qualidades típicas desse indivíduo, de forma nítida e pura, e dar a impressão de uma força e de uma liberdade libidinosa maiores. O líder da massa é temido pai primordial, a massa ainda quer ser dominada por uma força irrestrita, anseia pela autoridade num grau extremo, tem “sede de submissão” (FREUD, 2011, p. 36).

Le Bon também afirma que a massa “está sujeita ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem provocar as mais terríveis tormentas na sua alma e também apaziguá-

las . “A razão e os argumentos não sabem lutar contra certas palavras e certas fórmulas. Proferidas com solenidade diante da massa, imediatamente os rostos se tornam respeitosos e as cabeças se inclinam”. Essa característica está diretamente ligada ao discurso do líder e a violência simbólica ali presente.

Na conclusão de sua obra, Freud afirma que a ligação com o líder pelos indivíduos pode ocorrer pela substituição do ideal de eu pelo líder, nos casos em que esse ideal se corporificou na pessoa sem correções no âmbito do desejo ou através da identificação, caso isso não ocorra. Tendo em vista esses fatos, é possível examinar como a massa se forma em “Snowpiercer” e a relação com Wilford.

No que tange a massa, sua formação tem relação com a identificação entre os membros qual gera ligação afetiva entre os indivíduos e mantém a massa coesa. Uma característica fundamental de identificação é o “pertencimento ao trem”. Todos seres humanos dentro do trem, independente de suas classes, são os últimos sobreviventes do planeta e devem sua sobrevivência ao trem, devendo agir da melhor forma a garantir o seu equilíbrio.

Quando Curtis questiona a ministra Mason se ela sabia que a barra marrom que os fundistas comiam era feita de baratas e como ela conseguia permitir algo desse gênero, a líder busca justificar o absurdo na necessidade de garantir o equilíbrio do trem, com cada um ocupando seu lugar. Existe a necessidade de alguns indivíduos se alimentando desta forma, já que o trem não produziria alimento suficiente para que todos se alimentassem como os ricos.

A ministra tenta transformar a questão da alimentação entre as classes que é enxergada por Curtis como uma diferença entre os passageiros do trem num esforço coletivo para manter o trem funcionando, como se todos estivessem contribuindo de forma semelhante, cada um de seu lugar.

Agora em relação a ligação com o líder, é possível afirmar que, provavelmente, os passageiros da primeira classe enxergam no líder a eles mesmos. A posição privilegiada ocupadas pelos ricos permite que esses ajam de maneira mais livre, mais alinhada com os seus verdadeiros desejos. A liberdade propiciada pela posição garante um acesso maior ao gozo, o que é facilmente verificado na postura mais sexualizada dos ricos, retratados com pouca ou nenhuma roupa, ingerindo álcool e drogas e interagindo intimamente uns com os outros.

A repressão atua com menor incidência, permitindo que os passageiros da primeira classe tenham seu eu bem próximo de suas aspirações, se ligando ao líder por encará-lo com um igual, inclusive, que reside no mesmo lugar do trem e perceber nele enorme energia para defender seus interesses. O fato de Wilford ser, literalmente, aquele que dirige o trem é extremamente simbólico.

Em relação aos passageiros da segunda classe, pode-se assumir que a ligação ocorre através de identificação. Devido a situação de exploração a qual o grupo está submetido, provavelmente existe uma distância entre o eu e o ideal de eu, que é substituída pelo líder. A potência do líder, detentor e condutor do grande "falo", seu caráter autoritário, sua função simbólica de lei são características do pai primevo, uma das ligações fundamentais do ser humano qual ele sempre vai buscar repetir.

Até mesmo os fundistas estão identificados com o líder. A rebelião contra Wilford remonta o ódio contra o pai primevo retratado em Totem e Tabu (FREUD, 1990, p. 33) e seu assassinato, atentando para laços de afeto entre o líder e os fundistas. Todas as relações de afetividade são duais, marcadas pelo amor e pelo ódio. Nesse caso, o aspecto negativo está mais explícito.

A exposição de ligações afetivas entre o líder e a massa comprovam a existência da massa e de todos os aspectos já mencionados, principalmente em relação a sua passividade e sugestionabilidade. A formação da massa e seu contato com o líder justificam a nível do inconsciente o desejo pela submissão e pela violência que garantem a manutenção da ditadura.

6 Conclusão

No trem "Snowpierecer", é possível constatar uma experiência ditatorial. Todo o poder está concentrado nas mãos do líder e a obediência dos passageiros é garantida através da violência, simbólica ou física. Essa ditadura tem como objetivo defender o status quo do perigo das mudanças e poderia ser classificada como "totalitária".

Os três principais elementos da ditadura totalitária podem ser percebidos no exercício do poder no trem. A coação é monopolizada, há o apoio da população e o "Estado" atua em todos os aspectos da vida social, confundindo a política do trem com a sua própria estrutura de funcionamento, mostrando quanto a dominação está presente na sociedade.

O controle social no trem é realizado através de violência simbólica e física. No primeiro caso, a dominação e a exploração estão inseridas no discurso da autoridade que é aceito pelos indivíduos. Estes aceitam e incorporam as palavras do líder devido a ligação emocional que mantém com ele e o medo que possuem dele, embora acreditem que aceitam o discurso, porque faz sentido racionalmente.

As práticas de dominação e exploração, assim como a resistência que estruturam a ditadura, são fruto do desejo inconsciente. Processos inconscientes como a identificação, a submissão e o enamoramento resultam em cenários de práticas que parecem não condizer com o homem racional, que deve amar ao próximo e garantir a manutenção da vida.

Na carta "pra que a guerra" na qual Freud responde a Einstein como seria possível agir para evitar uma segunda grande guerra, o psicanalista chega a questionar se essa seria mesmo a pergunta que deveria ser feita. Não que Freud defendesse os horrores da guerra, mas ele questiona por que tamanha aversão a processos que fazem parte do ser como a destruição, a violência e a morte.

Essas são suas palavras: "Por que o senhor, eu e tantas outras pessoas nos revoltamos tão violentamente contra a guerra? Por que não a aceitamos como mais uma das muitas calamidades da vida? Afinal, parece ser coisa muito natural, parece ter uma base biológica e ser dificilmente evitável na prática".

Talvez se o ódio e a raiva não fossem tão reprimidos na sociedade, não seriam comuns situações de sua máxima expressão, quando ambos estão tão acumulados que geram explosões destrutivas, como guerras. Se o mínimo de individualidade de cada um fosse preservado, não existiria tantos indivíduos propícios a dominação. Se o sofrimento não fosse tão fetichizado, talvez sua propagação não fosse tão intensa.

Se esse texto deixa alguma contribuição, não são as características da ditadura e suas consequências, tão pouco as influências inconscientes na construção do regime, mas a necessidade de observar práticas sociais a partir da completude do ser, sua realidade consciente e seu desejo inconsciente. Avaliar a destruição humana somente do ponto de vista de teorias sociais ou do ponto de vista do inconsciente é dificultar a concepção de práticas sociais que equilibrem a individualidade do ser e coletividade da civilização.

O “homem não é senhor em sua própria casa” (FREUD,1969, p. 13) afirma Freud referindo-se a submissão do homem ao seu inconsciente, porém, ele ainda vive nessa casa e deve se apropriar dela, buscando se aproximar cada vez mais do dono da casa, o seu desejo. Ao conhecer bem sua morada, o ser humano sente-se bem nela, vai cuidar dela e não vai querer destruí-la, como se a casa não fosse ele mesmo. O trem de volta para casa deve partir logo.

7 Referências bibliográficas

CASTRO, Julia Mayumi; CASTRO, Mariangela, GIANNETTI, Nathalia & GOMPERTZ, Rebecca. **O que define um regime autoritário?**. AUN - AGÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE NOTÍCIAS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

ESPRESSO DO AMANHÃ. Direção: Bong Joon-ho.Título Original: Snow piercer. Playarte pictures, 2015, DVD, 1 Filme, duração 126 minutos.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; RODRIGUES, Ana Lucilia (org.). **A criação do desejo**. 2. ed, col. cinema e psicanálise, São Paulo: nVersos, 2015.

FERRAZ JR., Tércio Sampaio. “Introdução ao Estudo do Direito”. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015..

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)**. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas – Volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920 - 1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ **Totem e tabu**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, pp. 12-55.

_____. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago,1969.

FERRAZ JR., Tércio Sampaio. **Introdução ao Estudo do Direito.** 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2003, pp. 134-176.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo**. Líbero – Ano VI – Vol 6 – nº 11.

NEUMANN, Franz. **Notas Sobre a Teoria da Ditadura**. In: _____. **Estado Democrático e Estado Autoritário**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

OLIVEIRA, Mara Regina de. **Cinema e Filosofia do Direito em diálogo**. São Paulo: Edição do autor, 2015.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. **Apresentação. Memória, História e Autoritarismos**. In*:* _____. (orgs.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários. Legitimação, Consenso e Consentimento no Século XX. Europa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

VENTURA, Deisy F. L; SEITENFUS, Ricardo A. S. **Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra**. Santa Maria: FADISMA, 2005.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn, 3 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.